

A GUERRA DE CLARA: UM DIÁLOGO POSSÍVEL ENTRE LITERATURA, HISTÓRIA E MEMÓRIA

A GUERRA DE CLARA: A POSSIBLE DIALOGUE AMONG LITERATURE, HISTORY AND MEMORY

Rejane Seitenfuss Gehlen¹

RESUMO: O presente estudo toma como objeto de análise a obra autobiográfica *A guerra de Clara* e busca nela identificar as relações entre literatura, história e memória. A narrativa de uma sobrevivente dos horrores da Segunda Guerra Mundial revela as possibilidades de articulação entre memória individual e coletiva no contexto da literatura de testemunho. Realidade e ficção coexistem no universo diegético que busca resgatar a identidade das vítimas da guerra a partir do relato do vivido e do fazer literário.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. História. Memória. Literatura de testemunho. Autobiografia.

Felizes as pessoas que têm algo a contar, pois elas não se deixarão brutalizar pelo consumismo, pela futilidade, pela pobreza de experiência.

(Walter Benjamin)

Dos tempos remotos à contemporaneidade, o ser humano sente necessidade de contar histórias, por isso desenhou seus feitos nas paredes das cavernas. Contar seus atos ou revelar a outros grupos a grandiosidade do seu povo tem sido o assunto das narrativas há muitos séculos. Selecionar os principais acontecimentos da vida para compor uma história é atividade que acompanha o ser humano desde que este se comunica. Dos desenhos rupestres ao século XXI, muito se evoluiu em termos de contar histórias e, apesar de toda sorte de transformações, as narrativas de vida continuam ocupando lugar de destaque cada vez maior. O diálogo e a busca de complementariedade entre diferentes áreas do saber parecem ser mais uma evidência do esgotamento do princípio cartesiano que por muito tempo serviu de paradigma para os aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais. No caminho inverso ao da extrema especificidade, busca-se neste novo momento perceber a totalidade, sem contudo negar a individualidade. Sob esta perspectiva, o estudo de um campo do conhecimento não exclui os outros, propõe antes um diálogo entre áreas do saber, estabelecendo pontos convergentes, divergentes ou complementares.

¹ Mestranda em Letras na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e Missões – URI, Campus de Frederico Westphalen (URI-FW, RS), Departamento de Linguística, Letras e Artes, Mestrado em Letras – Área de Concentração: Literatura. E-mail: rejanegehlen@yahoo.com.br

Revista Literatura em Debate, v. 4, *Dossiê Especial*, p. 63-71, jan., 2010. Recebido em 25 out.; aceito em 11 nov.

O presente estudo busca comentar as relações e diálogo estabelecidos entre literatura, história e memória, bem como os imbricamentos decorrentes desse diálogo. A literatura em sua natureza essencialmente representativa (*mimesis/imitatio*) vem, cada vez mais, se aproximando da história, da vivência real. Perceber algumas causas e exemplificar essa relação é um dos objetivos a que se propõe esta reflexão.

Em *A guerra de Clara*, de Clara Kramer, o aspecto documental é representado pelos registros do diário escrito durante o período em que a família da protagonista permaneceu em um esconderijo. O relato das passagens verossímeis é enriquecido por descrições, análises psicológicas e recursos estilísticos próprios da linguagem literária. Além disso, observa-se a presença de uma terceira voz, a do escritor. O mesmo não é o narrador, visto se tratar de um texto autobiográfico que pressupõe um narrador autodiegético, mas o organizador; aquele que, como dizia Olavo Bilac, “torce, lima, alteia a palavra”, ou seja, lapida o texto e confere-lhe a forma artística. A afirmação de Clara Kramer acerca do escritor corrobora a visão expressa: “Agradeço a Stephen Glantz o estímulo que me deu, além de sua companhia nesta viagem de volta a Zolkiew. E muito obrigada a você por capturar minha vida no papel com tanta beleza” (KRAMER, 2008, p. 12).

Na história produzida pela humanidade ao longo dos tempos, alguns acontecimentos são singulares, assinalam a passagem de uma época para outra. Por sua importância, fazem parte da memória de uma sociedade, constituem a história e, dessa forma, requerem registro. A Segunda Guerra Mundial é um desses momentos peculiares que vêm merecendo destaque por parte de grande número de pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento. Nietzsche afirmou que existe um tempo certo para se esquecer e o tempo certo para se lembrar, este parece ser o momento certo para lembrar os horrores sofridos e mantê-los vivos na memória de quem os viveu ou deles toma parte através da leitura.

A partir do século XX, a historiografia rompe com a crença na “possibilidade de se conhecer o passado tal qual ele de fato ocorreu” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 60). Conceitos iluministas como progresso e ascensão linear da história cedem espaço para o registro da memória que, segundo Seligmann-Silva, é “fragmentado, calcado na experiência individual e da comunidade, no apego a locais simbólicos e não tem como meta a tradução integral do passado” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 65). Esta nova visão ética e estética da historiografia traz para o campo de pesquisa diferentes vozes e diferentes sujeitos, não mais apenas os vencedores.

Segundo Walter Benjamin, citado por Seligman-Silva, “é nos fenômenos-limite que o pensamento encontra os (des)caminhos/desvios que permitem melhor desdobrar as idéias” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 65). Assim, a nova historiografia, menos rígida e científica, foi moldada a partir do próprio corte histórico que a Segunda Guerra implicou. Assim, a historiografia sobre Auschwitz e sua “metarreflexão” assinala a impossibilidade de segmentar memória e História, uma vez que se observa que não é possível compor uma obra histórica onde apenas a memória do presente é chamada para testemunhar. A pesquisa de acontecimentos a partir da memória vale-se da lembrança que é uma reconstrução do passado a partir de dados e entendimentos do presente.

“Na verdade, a historiografia do nazismo e, mais especificamente, da Shoah encontram-se diante do desafio de criar vasos comunicantes tanto entre os diferentes acontecimentos dos envolvidos na história, como também de dar conta de uma memória que resguarde tanto a singularidade do evento quanto a continuidade histórica que ele significou” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 75). Nesta perspectiva, podem ser entendidas as narrativas de testemunho dos sobreviventes do Holocausto, que buscam os fatos vividos na memória individual, inserida num contexto coletivo. Para quem sobreviveu à catástrofe, a vivência não pode ser acomodada em contextos do passado, porque é presente, está viva. A literatura dialoga com a História no sentido de que o testemunho relatado não é simplesmente uma manifestação do “pós-literário”, mas sim a afirmação da resistência do literário, que transcende o concreto, porque o revela e remete a outros níveis de entendimento elucidados com o auxílio da sociologia, filosofia, psicanálise, entre outros.

A narrativa de testemunho possibilita o resgate e a redefinição “de histórias que assinalam momentos que precisam ser narrados para que não se perca a memória de eventos marcantes que deixam rastros indeléveis nos narradores e que envolvem toda uma sociedade na qual esses eventos tiveram lugar e, em alguns casos, envolvem a própria humanidade como um todo” (OLMI, 2003, p. 39).

A guerra de Clara é a narrativa de uma sobrevivente da Segunda Guerra Mundial, cuja vida foi profundamente transformada a partir da vivência do episódio traumático. A autora escreve para resgatar a história dos que morreram e cuja ausência é muito presente. Clara não esqueceu e esforça-se por lembrar da história de horror vivida pelos judeus e demais vítimas do Nazismo. Alba Olmi, em sua obra *Dimensões e perspectivas da literatura memorialística*, afirma que essa escritura a partir da memória do vivido “deve servir para reconstruir essa

experiência para aqueles que sequer a conhecem, especialmente os jovens” (OLMI, 2003, p. 42).

Uma história difícil de ser entendida precisa ser contada várias vezes e de maneiras diversas para que possa ser assimilada. A vida dos milhares de judeus vitimados na Segunda Guerra Mundial é uma história que não pode ser esquecida, precisa ser compreendida e jamais repetida. Atualmente vem sendo apresentado aos leitores grande número de obras que denunciam à humanidade as injustiças sofridas por muitos indefesos ou minorias. O relato, feito em primeira pessoa, apresenta de forma contrastante a vida da família de Clara (avós, tios, primos) vivendo segundo a tradição judaica numa Polônia em estado de alerta e, num segundo momento, a invasão russa e posteriormente a ação dos nazistas. No cenário que prenuncia o grande massacre, os judeus devem optar por fugir, esconder-se ou morrer. A corajosa Clara, seus pais e sua irmã Mânia escondem-se juntamente com as famílias dos vizinhos Melman e Patrontasch.

O relato da vida de Clara Kramer – polonesa, judia, perseguida pelos comunistas russos e pelos nazistas alemães – é resultado da memória individual que é única, mas paradoxalmente plural porque, ao contar sua história, o narrador remete o leitor para a história de muitas vítimas que morreram ou sobreviveram à catástrofe e, de certa forma, a todos os seres humanos que se sentem parte desse acontecimento mesmo sem tê-lo vivido. Maurice Halbwachs, em seu livro *A memória coletiva*, afirma que a partir das lembranças existiriam memórias individuais e coletivas que são distintas, porém complementares. A memória individual vale-se da coletiva para confirmar lembranças ou preencher lacunas. Essas duas memórias podem também ser consideradas como memória pessoal e social, ou ainda memória autobiográfica e memória social, a primeira recebendo ajuda da segunda já que a história da vida individual faz parte da história em geral. Halbwachs afirma: “é na memória histórica que temos de nos basear [...]. As lembranças coletivas vieram se aplicar sobre as lembranças individuais e assim poderíamos agarrá-las mais cômoda e mais seguramente; mas para isso será preciso que as lembranças individuais já estejam ali senão nossa memória funciona no vazio” (HALBWACHS, 2006, p. 80).

O texto autobiográfico é construído a partir de diferentes níveis, ou seja, cada capítulo da obra é apresentado por um título que o nomeia e por um subtítulo que situa o fato narrado no tempo real, conferindo grande grau de verossimilhança ao universo diegético. Após a marcação temporal, é apresentado um fragmento do diário que Clara escreveu no porão. Por insistência da mãe, a então menina registra os fatos que julga mais marcantes durante o

período de clandestinidade. A atitude da mãe revela o desejo de contar o que vai acontecer, mesmo que a família não sobreviva existe o desejo de registrar sua história, para que não se percam os rastros de sua passagem pelo mundo.

Na composição da narrativa, o diário assume características de documento, no entanto não é um historiador que o resgata do Museu do Holocausto (local onde se encontram atualmente os cadernos de Clara), é um escritor que, através de técnicas e recursos discursivos, organiza a memória registrada no diário e a transforma em texto literário, sem contudo, afastar-se do real e do verdadeiro. Cada excerto do diário é seguido de comentários em que a narradora rememora os fatos vividos, analisa sentimentos, reproduz diálogos ou faz digressões sobre a Guerra e seus desdobramentos. Exemplifica-se a afirmação acima através da citação parcial de um dos capítulos da obra:

9

O caso amoroso

De maio a setembro de 1943

Terça-feira, 7 de setembro. É terrível o modo como dependemos de todo tipo de fator. Quando a cunhada quer se casar o problema é nosso. Quando o senhor Beck joga baralho, ficamos preocupados. Quando ele bebe, ficamos em pânico. Quando se desentende no local de trabalho, nos desesperamos. Deus nos ajude para que todos os problemas se resolvam. Espero que o senhor Beck nos deixe ouvir o noticiário. Talvez haja boas notícias.

A AMARGA VERDADE INCONFESSADA sobre a morte de minha irmã é que, mesmo enquanto rezávamos por sua sobrevivência e depois que soubemos de sua captura, também rezávamos para que ela não nos traísse. Portanto, nossas lágrimas por Mania foram também de alívio. Tínhamos medo de chorar de forma audível; assim choramos em silêncio. Não podíamos falar de luto em nenhuma das formas tradicionais (KRAMER, 2008, p. 169).

Os fragmentos do diário de Clara, usados como suporte para o assunto de cada capítulo, conferem ao texto o caráter testemunhal e documental por excelência que é reforçado pela referência ao período histórico em que transcorreram os fatos narrados. À verossimilhança construída a partir dos excertos do diário acresce-se o relato das experiências vividas pela família no porão da casa dos Beck, família que abriga os fugitivos. A linguagem utilizada ultrapassa o mero relato, percebe-se a literariedade, a presença de figuras de linguagem que produzem o efeito estético próprio do texto literário.

É nos registros da história que o leitor vai buscar informações para entender situações vividas por Clara. Conforme se observa na passagem: “Estávamos metidos entre duas nações poderosíssimas, e ambas nos odiavam: os russos porque não aderimos a seus princípios comunistas; e os nazistas, por causa de nossa religião” (KRAMER, 2008, p. 41). Também são *Revista Literatura em Debate*, v. 4, *Dossiê Especial*, p. 63-71, jan., 2010. Recebido em 25 out.; aceito em 11 nov.

feitas diversas referências a episódios e movimentações dos exércitos russo e alemão na Europa durante período de guerra. Essa relação entre texto ficcional enquanto lembrança organizada, sistematizada do passado remete à reflexão sobre um novo conceito de história.

De acordo com Halbwachs, história “não é todo o passado e também não é tudo o que resta do passado [...] ao lado uma história viva que se perpetua ou se renova através do tempo, no qual se pode encontrar novamente um grande número dessas correntes antigas que desapareceram apenas em aparência” (HALBWACHS, 2006, p. 86). Percebe-se que as publicações literárias ou documentais sobre a Segunda Guerra, buscadas na memória individual dos sobreviventes, nos registros dos diários, na memória coletiva passam a constituir também a história. A riqueza do texto literário deve-se ao fato de ser, segundo Halbwachs, o verdadeiro e único veículo que permite narrar com total liberdade os fatos históricos. Talvez por isso tantos sobreviventes sintam-se no dever de narrar, descrever o indescritível, para que todos interroguem suas consciências.

Clara Kramer, cidadã judia, assume o papel do outro, como porta-voz de todos aqueles que enfrentaram e enfrentam a questão da identidade cultural, política ou social, “e que precisam lutar, muitas vezes até a morte, para assumir espaços que lhes pertencem, mas que sempre lhes foram negados pela força da opressão” (OLMI, 2006, p. 46). Mais que contar a história da própria vida, a importância da obra parece residir no trauma que perpassa toda a narrativa. A esse aspecto soma-se a luta da autora para definir-se, adquirir uma identidade e cidadania que lhe foram negadas em seu próprio país. Um dos aspectos ressaltados na obra em estudo é a necessidade de trazer à tona as injustiças sofridas e a escritura tanto ficcional, quanto autobiográfica, testemunhal ou de documento como formas de levar ao conhecimento do mundo as faces da guerra que agridem todos os seres humanos. Não é apenas a dignidade das vítimas que foi denegrida, é a dignidade humana que foi negada.

Uma organização cultural e social, para se reproduzir, exige a transmissão da memória de uma geração para outra. Instala-se assim uma memória coletiva:

Toda evolução do mundo contemporâneo, sob a pressão da história imediata em grande parte fabricada ao acaso pela ‘media’, caminha na direção de um mundo acrescido de memórias coletivas, e a história estaria, muito mais que antes ou recentemente, sob a pressão dessas memórias coletivas. [...] História que fermenta a partir do estudo dos ‘lugares’ da memória coletiva. Lugares topográficos, como os arquivos, as bibliotecas e os museus; lugares monumentais como os cemitérios ou as arquiteturas; lugares simbólicos como as comemorações [...]; lugares funcionais como os manuais, as autobiografias ou as associações: estes memoriais têm a sua história (LE GOFF, 2003, p. 467).

Percebe-se que a evolução da sociedade acentua a importância da memória enquanto elemento constitutivo de identidade individual ou coletiva. A literatura da Shoah é um exemplo de como o resgate e a valorização de memórias individuais dão corpo à memória coletiva não apenas daqueles que dela participaram, mas da coletividade humana que compartilha, via texto, dessa história que se busca entender.

É esse sentimento de pertença que move tantos leitores a buscar os textos sobre a Segunda Guerra Mundial, e o que se objetiva é a verdade, que ultrapassa a mera coincidência entre o que foi e o sabido. Quanto mais se souber, mais livre da repetição estará a humanidade. O conhecimento da própria história permite que se estabeleça a identidade de um indivíduo ou de um grupo; com relação a esse conhecimento específico, é a própria identidade do coletivo humano que se busca.

No pós-guerra, muitos foram os sobreviventes que buscaram localizar corpos de seus entes, conforme se pode observar na afirmação da protagonista de *A guerra de Clara*: “A mais sagrada responsabilidade de fé cristã era encontrar solo sagrado para nossos mortos” (KRAMER, 2008, p. 51). Essa frase de Clara revela como a guerra transformou a vida dos sobreviventes. Na crença judaica, o enterro do corpo dos mortos é emblemático, e deixá-los insepultos é uma dívida eterna com os que sucumbiram na guerra: não há como esquecer, porque não houve o enterro, não se cumpriu o ritual de “passagem”. Platão afirmou que “só os mortos conhecem o fim da guerra”, para os sobreviventes e aqueles que participam dessa história pelo conhecimento de relatos não há paz, porque há uma dívida que não pode mais ser paga.

A grande dor é registrada por Clara Schwarz em seu diário, reproduzida pela mulher Clara Kramer. Ela e parte de sua família estão vivos, são os poucos sobreviventes que podem dar testemunho:

De cinco mil judeus sobraram apenas cinquenta. Somos os únicos que tem pais. Famílias inteiras morreram. Só restaram os solteiros. Todos estão macilentos, não temos o que vestir, nem onde dormir, nem dinheiro para comprar comida... Mal conseguimos andar, nossos pés doem, não estamos habituados a caminhar... Mas somos os que tiveram sorte (KRAMER, 2008, p. 302).

O texto biográfico e autobiográfico é um *loci* privilegiado do encontro entre a vida íntima do indivíduo e sua inscrição numa história cultural e social. Neste âmbito, instaura-se um campo de renegociação e reinvenção de identidade em que se destaca a experiência como fonte e possibilidade da narrativa. A expressão Literatura de Testemunho vem circulando com *Revista Literatura em Debate*, v. 4, *Dossiê Especial*, p. 63-71, jan., 2010. Recebido em 25 out.; aceito em 11 nov.

crescente frequência a partir de 1990. Este conceito revela de forma bastante estreita a relação entre literatura e violência. Para melhor esclarecimento sobre esse campo da literatura, é preciso distinguir duas concepções teóricas distintas: os estudos sobre a literatura latino-americana e a corrente que lança um olhar reflexivo sobre o Holocausto, termo que neste contexto vem sendo substituído por Shoah.

A literatura de testemunho da Shoah firma-se como uma revelação dos horrores dos campos nazistas e a necessidade de compreender o que aconteceu durante a Segunda Guerra Mundial. Neste tipo de literatura, percebe-se um compromisso dos sobreviventes em revelar ao mundo sua história individual que guarda grande semelhança com a história das vítimas que sucumbiram e que não podem falar.

O historiador Eric Hobsbawm caracteriza o século XX como a “era da catástrofe”: guerras mundiais, conflitos entre países, guerras civis em todos os continentes e a consequente opressão dos vitoriosos sobre os derrotados. Dimensionar essa catástrofe através de palavras é o grande desafio da literatura de testemunho que busca a recomposição e a reconstrução porque o aniquilamento do homem ecoou no aniquilamento da utopia humanista, corroendo o poder explicativo da razão e a crença no conhecimento como força de civilização. “Eu começava a entender que, quando a gente está de luto, não é só pela perda de um ser amado, mas também pela parte de nós que se perde com ele” (KRAMER, 2008, p. 54).

Percebe-se, neste fragmento, que o relato dos sobreviventes é uma espécie de catarse da culpa de ter sobrevivido, porque a experiência completa do horror não pode ser recuperada. O relato de testemunho depara-se com um duplo desafio: enfrentar a culpa e relatar com fidedignidade a barbárie da Shoah. A ausência dos mortos deixa um vazio que o resgate memorialístico não consegue preencher. Clara Kramer mostra-se mais marcada pela morte da irmã durante o cativeiro que pelos sofrimentos físicos e psíquicos que sofreu nesse período.

Narrativa centrada no sujeito que a cria, simultaneamente ponto de partida e objeto do texto, a autobiografia parece ser a atualização do “indivíduo moderno” no espaço da literatura. É como se, ao lado da poesia, do romance, da peça teatral, da crônica, enfim, se reservassem àquele indivíduo as suas reflexões e experiências particulares, um “gênero” literário específico, que permitisse a expressão de sua unidade e autonomia.

Para Philippe Lejeune, o que caracteriza a autobiografia é o *pacto autobiográfico* estabelecido com o leitor. A partir de uma definição inicial de autobiografia como relato retrospectivo que uma pessoa faz de sua própria existência, destacando acontecimentos e, principalmente, aspectos de sua personalidade. Lejeune procura inferir o que, nesta definição,

permanece restrito à autobiografia, se comparada a outras modalidades de discurso que guardam com ela alguma semelhança: as memórias, a biografia, o romance pessoal, o poema autobiográfico, o diário íntimo e o autorretrato ou ensaio. Dessa comparação resulta que a autobiografia é “principalmente uma narrativa, com perspectiva retrospectiva e cujo assunto tratado é a vida individual; e implica *necessariamente* a identidade entre autor, narrador e personagem” (LEJEUNE, 1975, p. 14-5).

Em *A guerra de Clara*, observa-se a ocorrência do *pacto autobiográfico* através da perfeita identidade entre autora, narradora e personagem:

Escrever este livro foi como sair pela porta da cozinha de minha casa em Elizabeth, Nova Jersey, e entrar direto em minha casa em Zolkiew. Embora os acontecimentos aqui narrados tenham ocorrido há mais de sessenta anos, eles nunca me abandonaram. Como tantos outros sobreviventes, volto a vivê-los no presente (KRAMER, 2008, p. 11).

Pode-se ainda afirmar que o sujeito mostra-se então constituído ao mesmo tempo como leitor e escritor de sua própria vida. Como a análise literária sobre a autobiografia verifica, a história de uma vida não cessa de ser refigurada por todas as histórias verídicas ou fictícias que um sujeito conta sobre si mesmo.

“O passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido” (BENJAMIN, 1994, p. 224). Essa afirmação do crítico alemão concatena-se com o pensamento da autora Clara Kramer ao manifestar-se sobre os feitos da personagem Clara que a obra retrata. “Estou muito grata porque meus trinetos poderão conhecer aqueles de nós que vieram antes” (KRAMER, 2008, p. 12).

Walter Benjamin relata que a reminiscência do passado não é uma volta, mas um olhar novo, um olhar de outro momento sobre um fato significativo na vida de um indivíduo ou de uma coletividade. Sobre este assunto comenta Gilnei Fleck:

A literatura, ao proceder sua releitura do passado, com apelos à memória, busca pela – pela liberdade de imaginação que rege o discurso que dela emana – lançar novas luzes sobre eventos do passado. Esse ato se dá, especialmente na contemporaneidade, com plena consciência de que sua narrativa é construto lingüístico – uma forma de tornar inteligível no presente o que no passado pode ter ocorrido (FLECK, 2008, p. 143).

Essa afirmação revela não só um conceito de história menos rígido como também ilustra a dialogicidade tão cara na relação do texto ficcional e o mundo representado. A

Revista Literatura em Debate, v. 4, *Dossiê Especial*, p. 63-71, jan., 2010. Recebido em 25 out.; aceito em 11 nov.

história de Clara Kramer, registrada sob a forma de narrativa, não está mais restrita à memória de uma sobrevivente, faz parte de uma história maior que continua a ser vivida e recontada.

ABSTRACT: This study takes as its object of analysis the autobiographical work *A guerra de Clara*, aiming at identifying the relationships among literature, history and memory. The narrative of a survivor of the II World War horrors reveals the possibilities for linking individual and collective memory in the context of testimonial literature. Reality and fiction coexist in the diegetic universe, trying to rescue the war victims' identity, starting from the telling of living and literary doing.

KEYWORDS: Literature. History. Memory. Testimonial Literature. Autobiography.

Referências

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FLECK, Gilnei Francisco. Ficção, história, memória e suas inter-relações. In: *Revista de Literatura, História e Memória*. Cascavel: Unioeste, 2008.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro Editora, 2006.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão. 5. ed. São Paulo: Unicamp, 2003.

LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1975.

KRAMER, Clara. *A guerra de Clara*. Trad. Alice Xavier. São Paulo: Ediouro, 2008.

OLMI, Alba. *Dimensões e perspectivas da literatura memorialística*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, memória e literatura: o testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas: UNICAMP, 2003.